



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO SOBRE A
FEMINIZAÇÃO E DESIGUALDADES DE GÊNEROS
NO COTIDIANO ESCOLAR**

RENATO PEREIRA DE SIQUEIRA

RIO DE JANEIRO

2016

PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO SOBRE A
FEMINIZAÇÃO E DESIGUALDADES DE GÊNEROS NO COTIDIANO ESCOLAR

RENATO PEREIRA DE SIQUEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Novembro
2016

PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO SOBRE A
FEMINIZAÇÃO E DESIGUALDADES DE GÊNEROS NO COTIDIANO ESCOLAR

RENATO PEREIRA DE SIQUEIRA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Claudia Miranda

Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Adriane Ogêda Guedes

Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

...ao trazer à luz as invariantes trans-históricas da relação entre os "gêneros", a história se obriga a tomar como objeto o trabalho histórico de des-historicização que as produziu e reproduziu continuamente, isto é, o trabalho constante de *diferenciação* a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se.

Pierre Bourdieu

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que me deu essa oportunidade que complementa a minha vida nessa terra e que é autor e consumidor da minha fé.

A minha mãe que suportou muitas coisas na sua sofrida história de vida e que sempre desejou o melhor pra mim e me apoio nos piores momentos. Sem ela eu nem existiria. Obrigado mãe! Te amo muito e pra sempre!

A família Fenzl, em especial a Birgit que respondia a todos os meus porquês quando eu era criança e através de seu exemplo dentro de casa, me trouxe a oportunidade de leituras e um conhecimento cultural que ela mesma não tem noção do quanto foi importante pra mim; e que em alguns momentos apoiou as minhas aventuras e que nunca disse uma palavra que me desmotivasse.

Aos meus primeiros “alunos” Bruno Fenzl e Camila Fenzl, que foram o meu laboratório de aprendizado sobre cuidados e brincadeiras quando eu ainda era criança. Trocar fralda, dar de comer, brincar, ler histórias pra eles, só confirmou na Universidade, a minha aptidão para educação infantil e de que a criança aprende brincando.

AGRADECIMENTOS

Ao ex-presidente Luiz Inácio e a sempre presidenta Dilma.

A todos que positivamente ou negativamente fizeram parte da minha trajetória. A todos os meus professores (as), que me ensinaram desde o antigo primário até a universidade; Professores esses, que devo carinho, respeito e admiração e que levaram a minha vida como pessoa e cidadão a um novo patamar.

Em especial a Professora Dra. Claudia Miranda que com suas aulas de currículo, despertou em mim o desejo de mudança como acadêmico e profissional. A Professora Dra. Adriane Ogêda que me trouxe o interesse pela educação infantil com suas aulas maravilhosas. Ao Professor Dr. Marcio Berbat, que aceitou ser meu orientador e acreditou no trabalho e no tema proposto e A Professora Dra. Andrea Fetzner que me colocou no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), ao observar a sede que eu tinha por um espaço dentro da Educação. E a todos os outros que fizeram e acrescentaram muitos valores e saberes.

Pensar nesses educadores traz muitas alegrias ao meu coração e conhecer um pouco que seja em algum âmbito de sua vida, seja acadêmica, como pessoa ou como cidadão, me ajudou na minha formação como pedagogo.

E por último, mas não menos importante, as minhas colegas de turma que acompanharam a minha trajetória.

#FORATEMER!

RENATO PEREIRA DE SIQUEIRA. **PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO SOBRE A FEMINIZAÇÃO E DESIGUALDADES DE GÊNEROS NO COTIDIANO ESCOLAR.** Brasil, 2016, 35 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

O relato aqui apresentado é sobre o início da minha trajetória na educação infantil com as questões de ser homem trabalhando em um ambiente dominado pela presença feminina e os desafios de ganhar legitimidade considerando também as representações construídas por essas profissionais nessa nova configuração docente. As práticas narrativas frente a presença de homens na educação infantil em duas escolas que se auto definem como flexíveis e progressistas em termos da inserção de outras performances, foi o que inspirou nossa proposta analítica para pensar os rumos de projetos tais como esses de agregar outros sujeitos diferentes das mulheres tradicionalmente designadas para essa prática social de educar as crianças pequenas. Como pano de fundo, emergem os relatos das minhas primeiras experiências na Educação Infantil em uma escola da Zona Sul do Município do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Presença masculina na Educação Infantil; PIBID, Docência e Relações de gênero.

RENATO PEREIRA DE SIQUEIRA. **PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO SOBRE A FEMINIZAÇÃO E DESIGUALDADES DE GÊNEROS NO COTIDIANO ESCOLAR.** Brasil, 2016, 35 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ABSTRACT

The report presented here is about the beginning of my career in early childhood education with the issues of being a man working in an environment dominated by the presence of women and the challenges of gaining legitimacy also considering the representations constructed by these professionals in this new teaching setting. Narratives front practices the presence of men in early childhood education in a school that self defines as flexible and progressive in terms of inclusion of other performances, it was what inspired our analytical proposal to think the project course such as this to add other subjects different women traditionally assigned to this social practice of educating young children. As background, emerging reports of my first experiences in early childhood education in a school in the South Zone of the City of Rio de Janeiro.

Keywords: Male presence in kindergarten; PIBID; Teaching e gender relations.

INDICE DE SIGLAS

GFPPD – Grupo de Estudos e Pesquisas Formação de Professores, Currículo (s), Interculturalidade e Pedagogias Decoloniais

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

Introdução	07
Capítulo 1: Idas e Vindas	
1.1: Trajetória	12
Capítulo 2: Imersões no Programa Institucional de Bolsas de iniciação à docência-UNIRIO	
2.1: Início da docência	16
2.2: A Oficina de Identidade e Estética	17
2.3: Incursões no Cine Júlia	19
2.4: Exemplos de filmes apresentados	22
2.5: Os Debates	23
Capítulo 3: Outras Imersões	
3.1: A entrada na “Escola um”	25
3.2: Nasce uma experiência em outra instituição: a “Escola dois”	27
Capítulo 4:	
4.1: Aprendendo com as mulheres	29
4.2: O último homem graduando em pedagogia da minha turma / UNIRIO 2012.2	30
Discussão	31
Algumas Conclusões	33
Referências Bibliográficas	34

Introdução

A intenção desse trabalho se faz necessário da mesma forma que a prática em sala de aula com os alunos e professores. É também de extrema importância para a formação de outro modo de pensar os sujeitos atuantes na docência, nesse caso com uma preocupação específica com a presença masculina na educação infantil.

No capítulo 1, buscamos problematizar a trajetória de um graduando (a minha), professor e pesquisador e suas percepções sobre a identidade permitida e/ou desautorizada e que se constitui como um desafio do cotidiano nas relações interpessoais tendo em conta a hegemonia que marca esse espaço. Na sequência do capítulo, importa destacar a experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que favorece a escuta e o diálogo com estudantes secundaristas no Curso Normal de uma instituição que prepara professoras/es das séries iniciais.

Nesse processo, e juntamente com outros/as bolsistas de licenciaturas no capítulo 3 realoco o modo de identificação como professor. Observo a luta em espaço de educação infantil no capítulo 4, que é dominado por mulheres e que o “cuidado” com as crianças é visto como fenômeno menor. Através desse trabalho trago para o debate questões que julgo urgentes para o avanço das políticas e das práticas.

Capítulo 1

Idas e Vindas

1.1 – Trajetória

Sou graduando do curso de licenciatura em pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), integrante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID¹). Antes de iniciar o curso de licenciatura em pedagogia, encontrei várias resistências a minha escolha. Os discursos variavam desde, *vai passar fome, isso não serve pra nada* e o mais forte foi de uma amiga próxima formada em pedagogia, que disse: - *Eu como mulher não consegui nada, e você como homem, conseguirá menos ainda*. As práticas narrativas frente à presença de homens na educação infantil em uma escola (conforme explicarei a diante) que se auto define como flexível e progressista em termos da inserção de outras performances, foi o que inspirou a proposta de pensar os rumos de projetos tais como aqueles onde se admite a presença de outros sujeitos - diferentes das mulheres - tradicionalmente designada para uma prática social: “educar as crianças pequenas”.

Na última empresa privada onde trabalhei como funcionário em área totalmente diferente a educação, foi possível conhecer três pedagogos (um homem e duas mulheres) que se formaram e optaram por não trabalhar na área por diversos fatores. Entre eles estão:

- 1) Baixa remuneração;
- 2) Não gostar de trabalhar com crianças;
- 3) Não gostar do ambiente das escolas;
- 4) Só concluiu o curso porque já tinha começado entre outros motivos.

No início de minha inserção como graduando me senti perdido e sem chão. Por outra parte e pelo fato de estar em uma Universidade Pública e Federal, me dava

¹ PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvida por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

entusiasmo e orgulho além do esperado. Observei um grande número de pessoas buscando abrir outras frentes de inserção socioeducativa no nível superior. No famoso trote vi vários homens de outros períodos e alguns já trabalhando na área da Educação, o que me trouxe esperanças sobre as minhas escolhas. No primeiro período do curso de Licenciatura em Pedagogia, éramos três homens e atualmente sou o único da minha turma, ou quem sabe da comunidade acadêmica da Escola de Educação na condição de graduando.

Dentro desse quadro, me vejo como alguém que resiste em um processo plural e desafiador a cada etapa vencida. Viver esse ativismo político pedagógico me faz querer ir além por tudo que fiz, vi e por tudo que superei. Desde o mês de Janeiro de 2014 estou imbuído de uma urgência que é entender os espaços de formação e as questões do campo onde já atuo. Uma virada marcou esses modos de pensar minha profissão docente, a construção da masculinidade, a Pedagogia e as representações que a sociedade constrói sobre os homens que atuam como pedagogos, educadores da educação infantil, pesquisadores nos diferentes níveis e universitários nas ciências humanas.

Nesse contexto de inúmeras perguntas, venho tratando de aspectos sobre a História da Educação Latino-americana, História da Educação no Brasil, a feminização do magistério e as diferenças que desafiam a formação docente. Sou partícipe de um grupo de pesquisa sobre interculturalidade, currículos e perspectivas outras de Educação.

Esta pesquisa privilegia até o presente momento, minhas experiências em duas comunidades escolares de instituições particulares localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro (uma que estagiei por dois anos e a atual que trabalho como professor de educação infantil do horário extensivo). Através de observação participante e de um diário de bordo, pretendo analisar não só a minha trajetória, mas os impactos dessa presença outra e as lacunas apresentadas quando levantamos trabalhos sobre essa problemática. A presença masculina tem se dado gradativamente naquele contexto de educação infantil e é fundamental ampliarmos as pesquisas sobre tais experiências levando em conta as narrativas de sujeitos insurgentes, como ocorre nesse estudo. Visa-se com isso, acompanhar o processo de crescimento nessa mudança cultural e de propostas de outras inserções que contemplem a participação que desestabiliza positivamente o espaço antes ocupado apenas com a atuação feminina.

Na discussão para entender essas heranças e as marcas das hierarquias inventadas, é

mister entender os modos de se forjar os papéis sociais que reforçam as opções de subalternização de gênero onde as mulheres foram (e ainda são) as mais prejudicadas. Nesse processo, o homem se distanciou das salas de aulas infantis. Também as suas escolhas são influenciadas por essas mazelas da sociedade e pela força da cultura do patriarcado. Vimos, no nosso dia a dia, como as representações sobre os homens e as estratégias de desqualificação do trabalho desses atores na educação infantil, se converteram em táticas de afirmação do espaço feminino nesse segmento da educação escolar.

Com bases nos estudos de Arce (2001, p.167) podemos verificar como o processo da feminização aconteceu e acontece ainda: Ao longo da história, tem-se reforçado a imagem do profissional dessa área como sendo a da mulher “naturalmente” educadora, passiva, paciente, amorosa, que sabe agir com o bom senso, é guiada pelo coração, em detrimento da formação profissional. A não valorização salarial, a inferioridade perante os demais docentes, a vinculação do seu trabalho com o doméstico e a deficiência articulam-se à difusão da figura mitificada, que não consegue desvincular-se das significações que interligam a mãe e a criança. Já em Monteiro e Altmann (2014, p.730) a trajetória dos homens que optaram pela docência na educação infantil aponta as dificuldades para a entrada na educação infantil. Isso porque o estranhamento refere-se não só à presença do homem na função de professor, à sua escolha profissional, mas também aos procedimentos adotados em momentos de cuidados corporais e à orientação sexual das crianças. Diante desses estudos podemos verificar a subalternização da mulher e a tentativa de segregação dos homens na Educação Infantil.

Esperamos, com a imersão no campo da pesquisa, renovar nossas impressões de como caminhar no campo da docência. Este trabalho é parte desse esforço. Servir para novas perguntas oferecendo outro caminho para um melhor entendimento das questões que permeiam a presença do homem na educação infantil, por exemplo. Trata-se de um caminho para suscitar novas discussões que propiciem uma maior consciência a respeito desse processo no campo educacional quanto à profissão docente. Verifiquei também que não existe uma literatura específica que aborde as áreas desse estudo.

Como pano de fundo, emergem relatos das minhas primeiras experiências na Educação Infantil em duas escolas da Zona Sul do Município do Rio de Janeiro, onde

observei que o número de professoras atuantes na Educação Infantil era absoluto e o número de homens era “zero”, inexistente. Para a pesquisa de conclusão de curso de graduação em Pedagogia, desenvolvo, atualmente, os primeiros levantamentos sobre esse fenômeno e nessa oportunidade, chama à atenção as disjunções refletidas na experiência restrita com professoras e estagiárias que vivem o impacto de ter professores do sexo masculino na Educação Infantil.

Capítulo 2

Imersões no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- UNIRIO

2.1 – Início da docência

Inflamado pelas aulas da disciplina de Currículo, vi a necessidade de sair do meu emprego e conseguir um estágio na área que estava estudando. Educação infantil ou fundamental eram as opções que me atraíam. Não pensei em estágio empresarial ou algo do gênero por conta do que estava vendo e aprendendo no PIBID e que despertara a minha paixão pela educação.

Meu primeiro contato com a educação foi uma oportunidade que recebi de duas professoras envolvidas no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que me inseriram no ensino médio da escola pública de Normalistas, Colégio Estadual Julia Kubitschek². Aproveitando essa oportunidade, que foi o “empurrão” que levei para dar início ao meu processo de ser um professor, trabalhei na oficina de identidade e estética no turno da manhã, onde tínhamos dois encontros semanais, mais as reuniões de planejamento. No segundo ano do PIBID nesse mesmo Colégio, passei para o turno da tarde e trabalhei no Cine Júlia³.

De acordo com Freire (2014) o professor aprende quando ensina e o estudante ensina quando aprende:

² A Escola Normal foi criada pela Lei nº 01 de 26 de abril de 1960, recebendo a denominação de Escola Normal Júlia Kubitschek. Considerando que se trata de prestar uma justa homenagem a ilustre Dama e emérita Mestra, tornando-a Patrona da escola recém criada.

³ O Cine Júlia é um projeto que tem por objetivo pensar a educação através do cinema, realizado no Colégio Estadual Júlia Kubitschek por alunos de Pedagogia da UNIRIO, integrantes do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) financiado pela CAPES, e a coordenadora do PIBID no colégio.

“Quando nós pensamos numa situação educacional, nós talvez possamos descobrir em toda a situação educacional, além dos dois lados, dos dois polos, estudantes e professores, há um componente mediador, um objeto de conhecimento a ser ensinado pelo professor e a ser aprendido pelos estudantes. Esta relação é, para mim, mais bonita quando o professor tenta ensinar o objeto, a que nós podemos chamar de conteúdos do programa, de uma forma democrática. Neste caso, o professor faz um esforço sincero para ensinar o objeto que ele ou ela supostamente já conhece e os estudantes fazem um esforço sincero para aprender o objeto que eles ainda não conhecem. Entretanto, o fato de que o professor supostamente sabe e que o estudante supostamente não sabe não impede o professor de aprender durante o processo de ensinar e o estudante ensinar no processo de aprender. A boniteza do processo é exatamente esta possibilidade de reaprender, de trocar. Esta é a essência da educação democrática” (FREIRE, 2014, p. 30).

Posteriormente fui convidado pela mesma professora de Currículo a fazer parte do “Grupo de Estudos e Pesquisas Formação de Professores/as, Currículo (s), Interculturalidade e Pedagogias Decoloniais - GFPPD”. Esse grupo além de ser importante na minha formação como aluno de pedagogia, me trouxe mais uma oportunidade de ficar a frente de determinadas questões que trago na minha pesquisa.

Esses relatos podem emergir sob a perspectiva decolonial, por ser um processo de afirmação de uma *posição* insurgente: sou um graduando, professor e pesquisador na Educação Infantil. Socialmente “um homem”. Conforme Miranda (2013):

“Como vertente de grande expressão teórica, a crítica pós-colonial melhor se traduz por examinar produções nascidas do ponto de vista de quem detém o poder de falar sobre os outros da colonização e também de examinar a insurgência de segmentos oriundos das nações ocupadas” (MIRANDA, 2013, p. 1055).

Alinho-me ao pensamento da autora e suas perguntas são também as minhas: Há outras pedagogias possíveis orientando formas diversificadas de transposição do conhecimento a ser ensinado? No âmbito da defesa por espaços colaborativos e dialógicos caberia defendermos pedagogias decoloniais (Ibidem).

2.2 – A Oficina de Identidade e Estética

Após reuniões e debates entre a equipe, decidimos realizar duas oficinas no Colégio

Estadual Julia Kubitschek. A primeira tratando sobre teatro levantando questões do dia-a-dia que os alunos poderão vir a enfrentar, e a segunda sobre estética apontando questões raciais.

Trabalhei na oficina de estética, onde obtivemos muitas questões importantes e complexas levantadas pelas turmas no primeiro semestre do ano de 2014. Nesse primeiro momento tivemos muitas complicações relacionadas a horários disponíveis para o PIBID nas turmas, greves, manifestações públicas, feriados, turmas em provas e até falta de sala. Mesmo assim, conseguimos colocar o projeto para frente e trabalhar com as turmas.

No início os alunos ficaram um pouco apreensivos e sem interesse por não saber do que se tratava, mas depois do primeiro dia as turmas nos procuravam querendo maiores informações e calendário das oficinas. Na oficina de estética houve um interesse muito grande e tratamos de questões como a do cabelo crespo, as tranças que os negros usam, bijuterias, as roupas que expressam as culturas africanas e a não aceitação da sociedade “branca” e da moda ditada pelos próprios brancos.

Durante a oficina de estética, chamamos a atenção para como o cabelo crespo ainda é visto como marca de inferioridade e tem sido tratado com insatisfação, principalmente das mulheres negras. Alisar o cabelo pode ganhar novos lugares na sociedade: se eu sou parda e tenho meus cabelos lisos, posso ter minha “branquitude” e sair do lugar de inferioridade imposta pela sociedade. Fanon (2008) nos alerta sobre essas atitudes:

“Todo povo colonizado – Isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento da sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será” (FANON, 2008, p. 34).

A oficina incentiva o ensino da Cultura Afro-brasileira, como forma de reconhecer o importante papel da cultura africana na formação da nossa nacionalidade. O povo negro ainda é representado em papéis de subordinação, o que mantém e difunde uma visão eurocêntrica, fundamentando um imaginário racista.

Fanon (2008) continua a nos alertar:

“Pois, afinal de contas, é preciso embranquecer a raça; todas as martinicanas o sabem, o dizem, o repetem. Embranquecer a raça; salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram, mas para assegurar sua brancura” (FANON, 2008, p. 57).

Trouxemos para a sala, vídeos que expressavam de forma direta esses temas acima citados levando os alunos a pensar, debater conosco e entre si as suas opiniões e impressões que tem e recebem da mídia e da sociedade fazendo-os pensar em identidades negras, branquitude e pertencimento racial. Os Estudantes puderam pensar também nas suas experiências relacionadas à discriminação.

Percebemos que as diversas humilhações do ponto de vista do gênero, racial, de condição social ou física. Percebemos também que não há diferença no impacto das discriminações, qualquer que seja a ordem, todas produzem dor, afetam o corpo e a emoção.

2.3 – Incursões no Cine Júlia

O Cine Júlia é um projeto que tem por objetivo pensar a educação através do cinema, incluindo principalmente a estética do mesmo (a sala escura, projeção em tela grande, cadeiras acolchoadas, e a famosa pipoca). As sessões realizadas no auditório do Colégio Estadual Júlia Kubitschek (que deu origem ao nome).

É de grande valor fazer parte dessa oficina do Cine Clube pelo PIBID, onde o contato com a escola, os alunos, os professores, a direção e os funcionários, me traz a prática do que é aprendido em teoria da universidade para a sala de aula.

Aproveitar o Cine Júlia para auxiliar na formação dos alunos do curso normal, me trouxe mais uma oportunidade de aplicar o cinema na educação.

Trazer e fazer na prática, o que aprendo em sala de aula no curso de pedagogia da UNIRIO, não fará de mim mais um aluno aprendendo a ser professor, mas fará de mim um professor aprendendo que o que mais importa é quais formações esses normalistas e futuros professores/as terão como cidadãos críticos e participativos na sociedade.

Além da minha formação e aprendizado, preciso pensar na formação e no aprendizado desses futuros professores/as, que por alguns momentos através do projeto do Cine Júlia estará a minha disposição, onde através de palavras, diálogos e até mesmos gestos, sofrerão influências para as suas formações. Segundo Calderano (2012) podemos

verificar como esse processo acontece:

“Ao inserirem-se nas escolas, na condição de estagiários, os professores em formação se deparam com esses saberes em ação, amalgamados na prática cotidiana dos docentes aos quais acompanham e com os quais aprendem sobre o que é ser professor” (CALDERANO, 2012, p. 89).

Preciso trazer também as questões dos espaços e sujeitos, onde normalmente para a realização das sessões do Cine Júlia no Colégio Estadual Júlia Kubitscheck, precisamos lutar por eles. Uma luta diária com a matriz dos horários dos alunos, para que possamos “encaixá-los” nas sessões dos filmes e nos debates desse cine.



Figura 01 – Um dos materiais de divulgação do Cine Júlia – 2016.



Foto 01 – Alguns dos integrantes do PIBID Ensino médio com a nossa supervisora, 2016.



Foto 02 – Integrantes com professora 2015.

Foto 03 – Integrantes do PIBID 2015.



Foto 04 – Comemoração do sucesso do PIBID 2015. Foto 05 – Encontro para agenda do Cine Júlia, 2015.



Foto 06 e 07 – Debate com os Alunos após o Cine Júlia, 2015.



Foto 08 e 09 – Saída dos Alunos após o debate do Cine Júlia e Renato Siqueira com Jéssica Helen e alunos do Cine Júlia, 2016.

2.4 – Exemplos de Filmes apresentados:



Figura 02 – 12 Anos de Escravidão.



Figura 03 – Mandela: Longo Caminho Para a Liberdade.



Figura 04 – Orfeu da Conceição de Vinicius de Moraes.

2.5 – Os Debates

Através dos filmes, trazemos várias questões e reflexões para os alunos, onde abordamos preconceito e racismo.

Já nos debates e discussões é que avaliamos se os alunos conseguiram captar as propostas e as mensagens, e dentro dessas ideias direcionamos e levantamos as questões para que possamos trabalhar as suas formações críticas, respeitando as suas ideias e interpretações.

Exemplos de questões trazidas durante os debates em uma das sessões pelos alunos do Colégio:

“- *Foi assim mesmo?*”;

“- *As pessoas aceitavam isso?*”;

“- *Como alguém viveu assim?*”;

“- *Porque fizeram isso?*”;

E afirmações do tipo:

“- *Não sabia que era assim!*”;

“- *Acho que o filme aumenta pra dramatizar e conquistar público.*”.

As perguntas levantadas sobre o filme, com certeza mostram que filmes como esse precisam ser exibidos, e assim podemos entender o passado, para que não volte a se repetir.

Para a leitura indicamos um livro que deu origem a um dos filmes apresentado no Cine Júlia. Tem uma passagem muito forte no livro em que o autor retrata a aflição que sente por dentro,

“... , quando eu me encontrava em cabanas de escravos nas regiões distantes e deletérias da Louisiana, amargurando-me com as feridas imerecidas que um senhor desumano me infligira e desejando apenas que o túmulo que cobrira meu pai também me protegesse da chibata do opressor. (NORTHUP, 2014, p.19)”.

Capítulo 3

Outras Imersões

3.1 – A entrada na “Escola um”

Em fevereiro de 2014, iniciei um estágio na educação infantil em uma escola particular na zona sul do Rio de Janeiro. Uma escola grande, com uma história de lutas contra a ditadura e comprometida com a democracia. Nem tudo são flores e em alguns momentos temos os dessabores. Agora estava mais uma vez inserido em uma disputa e começando uma nova etapa da minha carreira no magistério. Essa escola vou chamar de “um”. Na escola um, fui muito bem recebido pela coordenadora da educação infantil, e durante a entrevista em nenhum momento, seja no olhar, palavras ou gestos, senti desaprovação por parte dela pelo fato de ter um homem procurando uma oportunidade de estágio na educação infantil, muito pelo contrário, ela apresentou a escola com tanto entusiasmo que era contagiante, o que me fazia querer mais ainda esse lugar de busca.

No dia seguinte participei de um estágio experimental e nesse mesmo dia fui aprovado pela coordenadora e pela psicóloga, ambas da educação infantil.

Na primeira semana fiquei em uma turma para dar apoio e a partir da segunda semana tive uma turma definida. Fui muito bem recebido pela professora e pela auxiliar, aprendi muito nessa turma e os alunos tinham idades entre onze meses e dois anos, me proporcionaram a minha primeira experiência na educação infantil.

Com a professora e a auxiliar que fiquei nessa turma, nunca ouvi nada sobre o fato de ser homem e estar na educação infantil ou tal coisa, muito pelo contrário, me viam como parte do grupo e a todo o momento me ensinavam de tudo. Como disse anteriormente, *nem tudo são flores* e conversando com uma das mães em uma festa de um aluno que eu havia sido convidado. Ela me relatou que outra mãe do grupo de mães do “WhatsApp”, comentou que não queria um estagiário trocando as fraldas da filha dela. Não me disse todo o conteúdo da conversa, mas que o assunto não dera prosseguimento.

Trabalhar nessa primeira turma, foi fundamental para o meu crescimento, aprendi na prática o que via em teoria na minha formação na UNIRIO e muitas outras coisas que

inclusive me trouxeram a certeza maior de trabalhar na educação infantil.

Após sete meses, decidi mudar de horário, e passar para o turno da manhã. Essa mudança não seria boa pra mim no futuro, mas seria um aprendizado também.

No turno da manhã fiquei com uma professora recém-formada também pela UNIRIO e que vinha tendo vários problemas nessa escola e com várias reclamações de pais e colegas de trabalho. Presenciei alguns momentos complicados, aonde essa professora gritava e sacudia algumas crianças pelo braço. Ela não tinha paciência com nada e estava sempre agitada e reclamando de tudo e de todos, seu comportamento era de alguém sempre pronto a discutir e infelizmente nesse novo turno e turma, não aprendi nada que fosse de bom para a minha formação e compreensão da educação infantil.

Posteriormente consegui mudar de turma e como já não podia mais voltar pra turma e turno da tarde, preferi ficar com uma turma do fundamental que fugiria do que eu já tinha compreendido de que a educação infantil era a área da educação que despertava interesse e paixão para mim, mas não ficaria com aquela professora que sacudia e gritava com as crianças.

Nessa nova turma de crianças do fundamental, consegui trabalhar com jogos e essa ideia que conquistou os alunos, tornou-se a ideia de projeto para aquele semestre. Nesse grupo, pela primeira vez, ouvi de uma auxiliar que era aluna de pedagogia de uma universidade privada, que *homem não sabe lidar com crianças*, ou que determinada coisa não sabia fazer porque era homem. Em alguns momentos escutei: “-*Sua fala é grossa e ríspida, você precisa ser mais delicado!*”.

Tive alguns outros atritos com essa auxiliar, mas percebi em algumas conversas que ela tinha algumas resistências em lidar com a figura masculina por conta da história que ela carregava em relação ao seu pai e outras questões. No ano seguinte permaneci na mesma turma, mas com outra professora e mais três auxiliares que me trouxeram as mesmas questões. Nesse ano a coordenadora (não falo da mesma que me recebeu na escola) que estava de licença regressou. No decorrer do ano fui percebendo que ela, não “comprava” a ideia de ter homens na educação básica e por conta disso ela sempre reclamava ou interferia de forma negativa em alguns assuntos e de forma diferente da mesma que agia com as funcionárias e as professoras mulheres.

Como em todas as escolas os problemas existem, nessa não seria diferente, porque

até então não existem escolas perfeitas, mas sempre a melhorar.

Trabalhar na *Escola um*, foi um presente que recebi e em nenhum momento por mais difícil que tenha sido e por ter tido uma saída inesperada, não me deixe que me fizessem me sentir menos, péssimo ou desacreditado. Minha saída tem ligação na verdade, com uma oportunidade que receberia de trabalhar em uma nova escola. Sinto-me um estagiário presenteado por essa oportunidade de aprendizado que foi maravilhosa. A *Escola um* é uma grande, excelente e maravilhosa escola. Aprendi muito nela.

3.2 – Nasce uma experiência em outra instituição: a “Escola dois”

Uma das mães de uma aluna da minha primeira turma de educação infantil da *escola um*, e que é filha de uma das donas, me disse no final do ano de 2015 que estava abrindo uma escola de educação infantil. Nesse mesmo momento ofereci pra deixar o meu currículo com ela e perguntei se haveria uma vaga pra mim. Participei do processo seletivo com a psicóloga de *Educação Infantil* e fui aprovado. A escola abriu em fevereiro de 2016 que me trouxe mais uma nova oportunidade de inserção.

Ao avaliar essas idas e vindas me sinto em vantagem por enfrentar tais desafios. Trabalhar na “*escola dois*”, do mesmo modo em que vejo os desdobramentos que emergem da atuação na “*escola um*”, são vias de aprendizado.

Ao ler Freire (2014) penso que na minha preparação nessa pequena jornada:

“Quando alguém ensina, sua responsabilidade moral é entender que ninguém pode ensinar aquilo que não sabe. Eu tenho primeiro que saber para em segundo lugar poder ensinar. Mas para ensinar, eu preciso de algo mais do que simplesmente saber” (FREIRE, 2014, p. 32).

Mudamos de status pelo trabalho que tenho apresentado. Passo a assumir uma turma na condição de professor e faço parte de uma escola que está iniciando seu proejo de escola – está nascendo uma instituição que me convida a ser partícipe de sua comunidade. Fazer parte da história e da construção desse projeto passou a ser um divisor de águas.

A escola está localizada em uma casa de dois andares muito acolhedora. Apesar de ser pequeno, cada espaço é aproveitado e foi estruturado de forma em que todas as necessidades possam ser supridas. Temos uma biblioteca com *TV* e *DVD*, sala grande que

chamamos de sala de corpo ou das maravilhas (psicomotricidade, música), um atelier (que também é usado para o lanche e almoço), pátio interno com gramado sintético, quatro salas de aula, uma quinta sala que utilizamos até o momento como casinha, banheiros próprios para as crianças, com vasos sanitários pequenos e pios baixos.

Uma coisa muito interessante é que as salas são interligadas por pequenos túneis aonde as crianças podem passar de uma sala para a outra. A decoração das salas nos remete a uma escola de verdade, com cores e polígonos, pois o projeto foi feito por um arquiteto para uma escola de Educação Infantil.

Nessa instituição tenho o apoio da coordenadora e da psicóloga do “infantil”, mas em alguns momentos, por conta de outros funcionários, mais especificamente uma, tive alguns momentos de afronta, desqualificação da capacidade de ser professor e de até com o cuidado com os alunos. Lidei com uma dada situação que implicou a seguinte declaração de outra profissional:

“-Você não é mãe e não sabe dar banho em um bebê de um ano, por isso não tem capacidade e você precisa pedir minha ajuda mesmo que não precise”.

A situação mais impactante foi quando em um momento onde mostrava a chuva para um dos nossos alunos na janela, fui retirado da sala porque eu não entendi que a criança ia ser respingada e podia ficar doente que não podíamos estar ali. Esse episódio foi o mais gritante e depois disso precisei procurar a coordenação e a psicóloga pra poder mediar essa situação e resolver essas questões.

Depois de algumas conversas a situação foi resolvida. Houveram pedidos de desculpas e o meu espaço como professor voltou a ser respeitado. Independente de ser um professor em uma escola, somos todos importantes dentro desse espaço, um para com o outro. Para ter uma escola precisamos dos professores, dos auxiliares, do pessoal da limpeza, da coordenação, da psicologia infantil, do pessoal da secretaria, dos diretores e assim por diante. Somos todos importantes e espaços e funções devem ser respeitados.

Faz diferença olhar o caminho percorrido e avaliar todos os aspectos positivos, os enfrentamentos. Minha trajetória tem sido essa até o momento e vejo como estou identificado com esse processo intercultural, de colaboração e de avanço profissional.

Capítulo 4

4.1 – Aprendendo com as Mulheres

Pensar a minha formação e não falar sobre a presença da mulher nela, torna a mesma sem a verdade e não tocável. O que desejo afirmar é que em todo o momento, tenho e sou formado por uma grande maioria de mulheres, ou seja, no percurso da minha formação, desde o antigo Jardim de Infância, até os dias atuais, aprendo sempre com as mulheres. Alguns homens fizeram parte da minha formação, mas foram poucos.

Iniciei no antigo jardim de infância, das primeiras e segundas séries, e da terceira série do antigo primário é que tive um único professor homem durante esse percurso. Confesso que no início estranhei muito, tenho algumas memórias sobre isso, mas com o passar do ano fui me acostumando com a presença do mesmo, apesar do “jeitão” dele, se comparado com uma mulher, e que todos os alunos e pais o respeitavam muito. O ciclo de ter uma “tia” como professora, encerra-se na antiga quarta série e a partir daí começo a ter mais professores homens, no antigo primeiro grau, mas sendo sempre minoria e já no antigo segundo grau, tive um maior contato com professores homens.

Percebo que na Universidade, especificando na pedagogia, me deparo com um número quase igual de professoras mulheres e de professores homens.

Nos estágios que realizei no PIBID no Colégio Estadual Júlia Kubitschek, no grupo de pesquisas ao qual faço parte e na atual Escola aonde trabalho. O número de mulheres é bem maior do que o número de homens presentes nesses locais.

O que trago nesse capítulo, é uma observação sobre a presença e a importância que tem o papel da mulher na minha formação como educador, de modo que a todo o tempo estou aprendendo com elas, seja no estágio, no PIBID, na Universidade ou na Escola.

Apesar de trabalhar em ambientes dominados por mulheres, são essas mesmas mulheres que contribuem quase que 100% na minha formação e que sem as mesmas não conseguiria chegar até aqui.

Independente de que haja conflitos em alguns momentos com algumas dessas personagens, percebo que na sua maioria o profissionalismo está sempre em primeiro lugar. E trabalhar e aprender com mulheres que me incentivam e confiam no meu

profissionalismo, torna ainda maior o desejo de dar continuidade a esse meu projeto de vida.

4.2 – O último homem graduando em pedagogia da minha turma / UNIRIO 2012.2

Minha turma começa o curso de pedagogia na UNIRIO em 2012.2, com vinte e dois alunos na maioria mulheres e com quatro alunos do sexo masculino. Após quatro anos e meio, sou o último homem da minha turma, todas as demais são mulheres.

Lembro que alguns alegaram sua entrada para a pedagogia na intenção de mudança de curso ou que queriam o nível superior para concursos. Acreditando que o curso de pedagogia seria fácil, as pessoas se depararam com muitos textos, trabalhos, estágios, disciplinas optativas e até problemas pessoais, acabando por desistir. Dos quatro alunos do sexo masculino, dois, simplesmente sumiram da turma e um terceiro que foi até quarto período sofreu um acidente e precisou se afastar.

Fazer o curso de pedagogia, como qualquer outro curso, requer tempo e dinheiro (apesar de ser uma faculdade pública federal, temos gastos com passagem, cópias, lanche, livros e outros). Esse sacrifício tem sido honroso e gratificante. Confesso que em alguns momentos pensei em desistir, mas a perseverança foi maior que qualquer impedimento e estou chegando à reta final desse maravilhoso curso.

Pensar que em pleno ano de 2016, finalizar um curso de pedagogia de uma renomada universidade federal, sendo o único homem, reflete o quadro em que passamos atualmente de políticas educacionais. Com a educação desvalorizada, podemos perceber que os homens preferem carreiras com maior rentabilidade, não esquecendo a questão cultural de que a educação dos pequenos é “cuidada” pelas mulheres. Percebo também que na maioria das mulheres que fazem parte da minha turma já são professoras, da educação infantil ou do ensino fundamental.



Foto 11 e 12 – Registro de Formatura, 2016.

Discussão:

Para entender essas heranças e as marcas das hierarquias inventadas, é *mister* entender os modos de se forjar os papéis sociais que reforçam as opções de subalternização de gênero onde as mulheres foram (e ainda são) as mais prejudicadas. Nesse processo, o homem se distanciou das salas de aulas infantis. Também as suas escolhas são influenciadas por essas mazelas da sociedade e pela força da cultura do patriarcado. Vimos, no nosso dia a dia, como as representações sobre os homens e as estratégias de desqualificação do trabalho desses atores na educação infantil, se converteram em táticas de afirmação do espaço feminino nesse segmento da educação escolar. Com bases nos estudos de Arce (2001) podemos verificar como o processo da feminização aconteceu e acontece ainda:

“Ao longo da história, tem-se reforçado a imagem do profissional dessa área como sendo a da mulher “naturalmente” educadora, passiva, paciente, amorosa, que sabe agir com o bom senso, é guiada pelo coração, em detrimento da formação profissional. A não valorização salarial, a inferioridade perante os demais docentes, a vinculação do seu trabalho com o doméstico e a deficiência articulam-se à difusão da figura mitificada, que não consegue desvincular-se das significações que interligam a mãe e a criança” (ARCE, 2001, p. 167).

Já em Monteiro e Altmann (2014, p.730) a trajetória dos homens que optaram pela docência na educação infantil aponta as dificuldades para a entrada na educação infantil. Isso porque o estranhamento refere-se não só à presença do homem na função de professor,

à sua escolha profissional, mas também aos procedimentos adotados em momentos de cuidados corporais e à orientação sexual das crianças. Diante desses estudos podemos verificar a subalternização da mulher e a tentativa de segregação dos homens na educação infantil.

Algumas conclusões

Espera-se que este trabalho possa servir como suporte para um melhor entendimento das questões que permeiam a pequena presença do homem na educação infantil e que possa suscitar novas discussões que propiciem uma maior consciência a respeito desse processo no campo educacional quanto à profissão docente. Verifiquei também que não existe uma literatura específica que aborde as áreas desse estudo

Caminhamos em pares e com novas incertezas já que as insuficiências definem as práticas sociais tal como a Educação. De certo, apostamos em processos mais significativos de inserção e envolvimento político-pedagógico como sujeitos que interferem e em diálogo tentam avançar. A multidimensionalidade é um traço da formação docente e a pesquisa deve servir como suporte para um melhor entendimento das questões que permeiam nossa participação como sujeita da transformação socioeducacional, por assim dizer. A presença do homem na educação infantil pode ser mais um dilema para a sociedade enfrentar.

Nos termos apresentados aqui pode suscitar novas discussões que propiciem uma maior percepção desse fenômeno. A respeito desse processo no campo educacional fará mais sentido discutirmos em fóruns permanentes tais características sobre o campo de atuação e as representações. Verifiquei também que não existe uma literatura específica que aborde essa temática na área.

Referências Bibliográficas

ARCE, A. *A imagem da mulher nas ideias educacionais de Pestalozzi: o aprisionamento ao âmbito privado (doméstico) e à maternidade angelical*. Caxambu: ANPED (Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação), 2001.

CALDERANO, M. Assunção. (Org.). *Estágio curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições*. Juiz de Fora: UFJF, 2012.

CORRÊA, Z. D. A. *Representações sociais de professores e professoras sobre a atuação masculina no magistério dos anos iniciais do ensino fundamental: a ausência/presença em sala de aula*. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

FANON, Frantz. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Solidariedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MONTEIRO, M. K; ALTMANN, H. *Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação*. 720 cadernos de pesquisa v.44 n.153 p.720-741 jul./set. 2014.

MIRANDA, Claudia. *Currículos Decoloniais e outras Cartografias para a Educação das Relações Étnico-raciais: Desafios Políticos – pedagógicos frente a Lei nº 10639/2003*. Revista da ABPN, v. 5, n. 11, p. p. 100-118, 2013. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

_____. Claudia. *Afro-colombianidade e outras narrativas a educação própria como agenda emergente*. Rev. Bras. Educ., Dez 2014, vol.19, n. 59, p.1053-1076.

NORTHUP, Solomon. *Doze Anos de Escravidão*. 1ª ed. São Paulo. Penguin Classics Companhias das Letras. 2014.

SIQUEIRA, Renato Pereira de. *Presença masculina na educação infantil: um relato de experiência docente em um contexto de feminização e de desigualdades de gênero no magistério*. In: V Semana de Educação da UNIRIO: Trilhas ou Trilhos? Orgs: Jane Santos da Silva, José Damiro de Moraes, Sandra Albernaz de Medeiros. – Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015.